

Expressando conceitos de qualidade em Xavante: adjetivos ou verbos?

Expressing concepts of quality in Xavante: adjectives or verbs?

Adriana MACHADO ESTEVAM*

Université du Québec à Montréal (UQAM)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir a categoria dos lexemas que expressam conceitos de qualidade em Xavante para mostrar que, apesar destes lexemas apresentarem propriedades semânticas características dos adjetivos, tratam-se de lexemas verbais. Com esse propósito, veremos num primeiro momento que, além de compartilharem propriedades semânticas, estes lexemas possuem propriedades morfossintáticas que os caracterizam de maneira formal como uma classe de palavras, mas que esta classe não pode ser considerada como sendo de adjetivos, se definirmos os adjetivos como lexemas cuja função primordial é atuar como núcleo de um sintagma adjetival desempenhando a função de atributo num sintagma nominal. Em seguida serão apresentadas as propriedades morfossintáticas dos lexemas verbais e nominais, deixando claro que os lexemas em questão formam uma subclasse verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Categorização. Adjetivos. Morfossintaxe. Xavante.

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss a category of lexemes that express concepts of quality in Xavante in order to show that, despite showing semantic properties typical of adjectives, the lexemes in question are verbal. With this in mind, we will show first that, not only do the lexemes under investigation share semantic properties, they also exhibit morphosyntactic properties that characterize them as a formal class. However, this class cannot be considered as an adjectival class if adjectives are defined as heads of adjectival phrases acting as attributes inside a nominal phrase. We will then present the morphosyntactic properties of verbal and nominal lexemes, which clearly show that the lexemes in question form a subclass of verbs.

KEYWORDS: Categorization. Adjectives. Morphosyntax. Xavante.

Introdução

A linguística descritiva e tipológica tem mostrado, no que diz respeito à questão das classes de palavras, a importância dos critérios internos que cada língua oferece para estabelecer uma categorização dos itens de seu léxico em partes do discurso e a dificuldade (para não dizer a impossibilidade) de se identificar critérios universais para definir certas categorias, como a do adjetivo. Esta questão é particularmente relevante em Xavante¹, que apresenta uma classe de

* Doutorado em Linguística pela Université Paris 7 Denis Diderot. Atualmente em pós-doutorado na Université du Québec à Montréal (Département de Linguistique, Faculté des Sciences Humaines), Montréal (Canadá). Email para contato: dri.mcst@gmail.com.

¹ Língua do grupo jê, do tronco macro-jê, falada por aproximadamente 15000 pessoas espalhadas em terras indígenas

lexemas que podem funcionar, de um ponto de vista semântico, como modificadores nominais. Tentaremos mostrar aqui que esta propriedade não é suficiente para estabelecermos uma classe de adjetivos, pois as propriedades formais dos lexemas em questão são todas verbais.

O artigo está organizado da seguinte forma. Num primeiro momento são apresentados os lexemas de sentido adjetival e suas propriedades morfossintáticas. Em seguida são expostas as propriedades morfológicas (flexão e composição) e sintáticas (funções desempenhadas) que definem os lexemas verbais. A seção seguinte aborda a flexão, a composição e as funções sintáticas características dos lexemas nominais. Uma hipótese diacrônica é sugerida antes de concluirmos com algumas considerações finais.

1 Lexemas que expressam qualidades

1.1 Apresentação

Observa-se em Xavante uma classe de lexemas que referem aos tipos semânticos que, segundo Dixon (1982, p. 16), estão associados à categoria dos adjetivos nas línguas onde esta categoria existe. Seguem abaixo alguns exemplos desta classe, em função dos tipos semânticos em questão.

dimensão	propriedade física	cor	idade	valor	velocidade	propensão humana
saʔētē 'grande'	pire 'pesado'	pré 'vermelho'	ʔrada 'velho'	wē 'bom'	waptu 'rápido'	sōprub 'generoso'
ʔrare 'pequeno'	tede 'duro'	rã 'branco'	té 'novo'	pese 'perfeito'		sahi 'bravo'
pa 'comprido'	se 'doce'	ʔrãdō 'preto'		uptabi 'verdadeiro'		waʔa 'preguiçoso'
ʔrudu 'curto'	waʔro 'quente'					sita 'exibido'

Estes lexemas – que chamaremos por precaução de ‘lexemas com sentido adjetival’ – formam uma classe não só semântica como também morfossintática: uma de suas propriedades formais, como mostra o exemplo (1), é de poder ocupar uma posição seguinte a do nome para determiná-lo. Neste exemplo, o lexema *uptabi* ‘verdadeiro, autêntico’ segue o nome *damreme* ‘língua’: à primeira vista, poderia tratar-se de um adjetivo em função atributiva.

no leste do Mato Grosso, na região da Serra do Roncador e dos rios Culuene, das Mortes, Couto de Magalhães, Batovi e Garças. Nossos dados foram coletados na Terra Indígena São Marcos. Outros trabalhos efetuados na mesma área – mas que têm uma visão diferente sobre o problema tratado aqui – são Lachnitt (1999) e Oliveira (2007).

- (1) Romnhoré?wai ma hã da-mreme **uptabi** si hã
 aluno DAT PE 3^aGNQ-língua verdadeiro somente PE
- waihu?u za?ra wa?aba mono !
 [3^aABS]ensinar PL COL ITR
- ‘Ensinem para os alunos somente a nossa verdadeira língua!’

No entanto, uma série de propriedades nos leva a pensar que um morfema como *uptabi* ‘(ser) verdadeiro’ em (1) não é o núcleo de um sintagma adjetival dependente de um nome como *damreme* ‘língua’ em função de atributo.

De modo geral, observa-se que a frequência de uso de um lexema com sentido adjetival após um nome é muito baixa; visto que estes lexemas formam uma classe extensa, esperaria-se que o uso destes fosse mais frequente no caso de serem adjetivos.

Existem também restrições sintáticas, como a impossibilidade de variar a ordem entre o nome e o lexema com sentido adjetival, assim como coordenar dois lexemas com sentido adjetival: para que o lexema com sentido adjetival apareça em outra posição ou faça parte de uma coordenação, ele deve ser usado numa forma específica. Ou seja, é importante notar o contraste entre uma forma simples do lexema com sentido adjetival e uma forma complexa, onde o mesmo é prefixado pelo morfema *ĩ-*, como ilustrado nos exemplos a seguir.

Em (2.a) vê-se que o lexema com sentido adjetival *?rãihö* ‘alto’, na sua forma simples, não pode anteceder o nome *aibö* ‘homem’. No entanto, prefixado pelo morfema *ĩ-* em (2.b), a ordem das palavras pode ser invertida.

- (2.a.i) Wa ?madö aibö **?rãihö.**
 EGO [3^aABS]ver homem alto
 ‘Eu vi um homem alto.’

- (2.a.ii) * wa ?madö **?rãihö** aibö
 EGO [3^aABS]ver alto homem

- (2.b.i) Wa ?madö aibö **ĩ-?rãihö.**
 EGO [3^aABS]ver homem *ĩ*-alto
 ‘Eu vi um homem alto.’

- (2.b.ii) Wa ?madö **ĩ-?rãihö** aibö.

EGO [3^aABS]ver ã-alto homem

‘Eu vi um homem alto.’

Nos seguintes exemplos, observa-se que a coordenação de dois lexemas com sentido adjetival é agramatical quando estes estão na sua forma simples, e problemática mesmo prefixados pelo morfema ã-. Assim, para qualificar o mesmo homem de *ʔrãihö* ‘alto’ e *wahi* ‘magro’, os locutores preferem usar dois constituintes separados, como mostra (3.a), onde o constituinte *ãwahi re* ‘magrinho’ não está coordenado com *ãʔrãihö* ‘alto’ para qualificar o nome *aibö* ‘homem’, mas está funcionando como uma segunda oração, juxtaposta à primeira. Esta construção é preferida àquela ilustrada em (3.b), onde a coordenação dos dois lexemas marcados pelo prefixo ã- é julgada pouco natural. Já a coordenação dos dois lexemas na sua forma simples, como em (3.c), é agramatical.

(3.a) Ahömhö hã aibö ã-ʔrãihö wa sōpētē, ã-wahi re.
ontem PE homem ã-alto EGO [3^aABS]encontrar ã-magro DIM

‘Ontem eu encontrei um homem alto, (ele era) magrinho.’

(3.b) ? ahömhö hã aibö ã-ʔrãihö duré ã-wahi re wa sōpētē
ontem PE homem ã-alto CONJ ã-magro DIM EGO [3^aABS]encontrar

‘Ontem eu encontrei um homem alto e magrinho.’

(3.c) * ahömhö hã aibö ʔrãihö duré wahi re wa sōpētē
ontem PE homem alto CONJ magro DIM EGO [3^aABS]encontrar

Estes dados apontam para a idéia de que a forma simples do lexema com sentido adjetival não é livre: esta não seria uma palavra por si só e sim um componente dentro de uma palavra composta; somente a forma complexa, marcada pelo prefixo ã-, é livre². A diferença entre estas duas formas está representada nos dados em (4).

(4.a) Robʔrã-**sipo** wa ti-ʔrē.
fruta-estar.madura EGO 3^aABS-comer

‘Estou comendo uma fruta madura.’

² Veremos mais adiante que tratamos esta forma complexa como a forma nominal de um lexema verbal, usada numa oração relativa.

(4.b) Robʔrã ĩ-sipo wa ti-ʔrẽ.
fruta N-estar.madura EGO 3ªABS-comer

‘Estou comendo uma fruta madura.’

Este mesmo tipo de oposição se encontra em outras línguas. Podemos observar em (5) que, segundo Van Tien Nguyen (2006, p. 97), o chinês também apresenta duas estruturas para qualificar um lexema nominal: em (a) está ilustrada a composição, envolvendo o lexema verbal *cōngmíng* ‘ser inteligente’ modificando o lexema nominal *rén* ‘pessoa’ numa palavra composta de dois radicais; em (b) a mesma qualificação é operada por um sintagma marcado pelo morfema *de*.

(5.a) Tā shì yī gè **cōngmíng-rén.**
ele ser um CL ser.inteligente-pessoa

‘É uma pessoa inteligente.’

(5.b) Tā shì yī gè **cōngmíng de rén.**
ele ser um CL ser.inteligente DE₁ pessoa

‘É uma pessoa inteligente.’

Um argumento que justifica a idéia da composição em Xavante é a impossibilidade de inserir um morfema entre o nome e o lexema de qualidade: observa-se em (6) que a inserção do clítico diminutivo *re* só é possível entre o nome *robʔrã* ‘fruta’ e a forma prefixada por *ĩ-* do lexema com sentido adjetival *ĩ-sipo* ‘estar maduro’; ela é agramatical entre as unidades *robʔrã* ‘fruta’ e *sipo* ‘estar maduro’, por serem dois componentes de uma palavra composta.

(6.a) Robʔrãi **re** ĩ-sipo wa ti-ʔrẽ.
fruta DIM N-estar.maduro EGO 3ªABS-comer

‘Estou comendo uma frutinha madura.’

(6.b) *Robʔrãi **re** sipo wa ti-ʔrẽ
fruta DIM estar.maduro EGO 3ªABS-comer

Um nome seguido de um lexema com sentido adjetival constituem, portanto, uma unidade complexa cujos elementos não podem ser separados sintaticamente; trata-se, então, de

uma palavra composta morfo ou sintaticamente, e não de um nome seguido de um sintagma adjetival. Outros dados que levam a interpretar um nome seguido de um lexema com sentido adjetival como formando uma palavra composta estão expostos em (7): a palavra para ‘anta’, que tem a forma livre *uhödö* e a forma dependente *utö*, ilustradas em (a) e (b) respectivamente, só pode ser usada na forma dependente *utö* quando seguida por um lexema com sentido adjetival na sua forma simples, como mostram os exemplos (c) e (d); da mesma maneira, quando o lexema com sentido adjetival é usado na sua forma livre, ele só pode se combinar com a forma livre *uhödö*, como indicam os exemplos (e) e (f).

(7.a) **Uhödö** misi tãma ti-wĩ.
 anta um 3^a+DAT 3^aABS-matar
 ‘(A onça) matou uma anta para ele.’

(7.b) **Utö-ʔrui-ʔwa** te aba mo.
 anta-opôr.se-NAGT HTO caça [3^aABS]ir
 ‘O caçador de anta (lit. ‘inimigo da anta’) foi caçar.’

(7.c) **Utö-zaʔëtê** norĩ te sisaʔre.
 anta-ser.grande COL HTO [3^aABS]correr
 ‘As antas grandes estão correndo.’

(7.d) * **uhödö** zaʔëtê norĩ te sisaʔre
 anta ser.grande COL HTO [3^aABS]correr

(7.e) **Uhödö** ã-saʔëtê norĩ te sisaʔre.
 anta N-ser.grande COL HTO [3^aABS]correr
 ‘As antas grandes estão correndo.’

(7.f) * **utö** ã-saʔëtê norĩ te sisaʔre
 anta N-ser.grande COL HTO [3^aABS]correr

Assim, fica claro que existe uma classe de lexemas podendo qualificar um nome que não são adjetivos: na ausência de uma classe lexical de adjetivos na língua, lexemas com sentido

adjetival modificam nomes por meio de uma composição³. Para determinar qual a categoria destes lexemas, serão examinadas a seguir suas propriedades morfológicas e sintáticas para compará-las com as propriedades morfossintáticas dos verbos e dos nomes.

1.2 Propriedades morfossintáticas

As propriedades morfossintáticas dos lexemas com sentido adjetival apresentadas aqui dizem respeito à flexão, à composição e às funções sintáticas.

A flexão dos lexemas com sentido adjetival é parcialmente sintética, parcialmente analítica, como mostra o quadro abaixo: índices de pessoa objeto são prefixados ao radical, enquanto este é seguido pela partícula *di*, índice de sujeito impessoal.

Quadro 1: flexão pessoal dos lexemas com sentido adjetival (no singular)

1ª pessoa	ĩ-	di
2ª pessoa não marcada	a(i)-	di
2ª pessoa honorífica	aa-	di
3ª pessoa não marcada		di
3ª pessoa honorífica	ta-	di
3ª pessoa genérica	da-	di

A morfologia dos lexemas com sentido adjetival sugere que estes lexemas são verbos usados numa construção impessoal: o exemplo (8.a) mostra como o índice *di* representa um sujeito impessoal, por oposição ao sujeito *dawara* ‘corrida’, marcado pelo índice de sujeito heterofórico *te*⁴ em (8.b). Ou seja, o lexema com sentido adjetival *wasutu* ‘estar cansado’ pode ser analisado como um verbo transitivo com sentido dinâmico ‘cansar’, cuja interpretação estativa obtem-se com um sujeito impessoal. Em outras palavras, ‘ele está cansado’ se diz literalmente algo como ‘o está cansando’. Neste caso, trata-se em (8) de um mesmo lexema usado em duas construções diferentes; nossa hipótese, porém, é que existem dois lexemas distintos – visto que não são todos os verbos transitivos que podem entrar numa construção impessoal – e por isso a glose é ‘estar.cansado’ em (8.a) e ‘cansar’ em (8.b).

- (8.a) Õhã wasutu di.
 PR.3^a [3^aABS]estar.cansado IMP
 ‘Ele está cansado.’

³ Existem certamente restrições semânticas, ainda por serem investigadas.

⁴ Ver 2.1. e a nota 10.

8.b)	Da-wara	ã	ma	te	wasutu.
	3 ^a GNQ-corrída	PE	PFT	HTO	[3 ^a ABS]cansar
	‘A corrida o cansou.’				

Em todo caso, veremos mais adiante que a marca ‘zero’ na terceira pessoa, ilustrada em (8) com o lexema *wasutu* ‘estar cansado’, prova que os índices pessoais prefixados ao radical dos lexemas com sentido adjetival são verbais. Além disso, o morfema *di* não se emprega com nomes, mas é obrigatório com verbos depois da negação. Ou seja, a morfologia flexional dos lexemas com sentido adjetival é uma morfologia verbal.

Paralelamente às formas marcadas pelo índice de sujeito impessoal *di*, os lexemas com sentido adjetival também aparecem marcados pelo prefixo *ĩ-*: este morfema flexional indica, como veremos a seguir, a forma nominal de um lexema verbal, permitindo a este acessar as funções nominais (complemento e predicado). Os exemplos abaixo mostram que o lexema com sentido adjetival, mesmo na forma nominal, continua recebendo as marcas de pessoa do seu argumento.

(9.a)	Ahã	ĩ- ai -prã.
	PR.2 ^a	N-2 ^a ABS-ser.falso
	‘Você é falso.’	

(9.b)	Uburé	ĩ-ma	ĩ- da -wẽ.
	todos	1 ^a SG-DAT	N-3 ^a GNQ.ABS-ser.bom
	‘Gosto de todos.’		

Os lexemas com sentido adjetival podem participar da construção de uma palavra composta no sentido de *composé au sens fort* definido por Mel’čuk (1997, p. 87-89) como segue:

Nous distinguons *composés au sens fort*, ou *composés₁*, et *composés au sens faible*, ou *composés₂*. [...] Les lexèmes *composés₁* sont LIBREMENT FORMÉS par le locuteur dans le processus de parole [...], sont de « vrais » *composés*, des *composés synchroniques*, tandis que les *composés₂* ne sont que des *composés diachroniques*. [...] Un lexème *composé₁* (= *composé au sens fort*) ne doit pas apparaître dans un dictionnaire : il est tout à fait fabricable par règle, sur la base des racines emmagasinées dans la langue, et ne manifeste aucune phraséologisation.⁵

⁵ ‘Faremos a distinção entre *lexemas compostos no sentido forte*, ou *compostos₁*, e *lexemas compostos no sentido fraco*, ou *compostos₂*. [...] Os lexemas *compostos₁* são FORMADOS LIVREMENTE pelo locutor durante o processo da fala [...], são ‘verdadeiros’ lexemas compostos, compostos sincrônicos, enquanto os lexemas *compostos₂* são

(15) [Dawedezé **ĩ-siptete**] na te wa-wede zaʔra mono õ di
 remédio N[3^aABS]ser.forte INSTR [3^aERG]AUX 1^aPL.ABS-tratar PL ITR NEG EXPL
 ‘Não estão nos tratando com remédios suficientemente bons,’

[**ĩ-sibuwa** **re**] na si te te wa-wede zaʔra.
 N[3^aABS]ser.fraco DIM INSTR só HTO [3^aERG]AUX 1^aPL.ABS-tratar PL
 ‘só estão nos tratando com (remédios) fraquinhos’.

Termina aqui o panorama das propriedades morfossintáticas dos lexemas com sentido adjetival, onde foram apontadas semelhanças com as propriedades formais dos verbos. Estas são o objeto dos próximos parágrafos.

2 Lexemas verbais

Apresentamos aqui as características morfossintáticas dos lexemas verbais em comparação com as propriedades dos lexemas de sentido adjetival: a flexão é abordada em 2.1., a composição em 2.2. e as funções sintáticas são tratadas em 2.3.

2.1 Flexão

As categorias da flexão verbal examinadas aqui são as de pessoa, modalidade, finitude e polaridade. Os morfemas incluídos aqui podem ser afixos, clíticos ou partículas: sejam eles fonologicamente livres ou dependentes, são considerados como parte da flexão verbal por entrarem numa série de oposições constituindo um paradigma de valores para uma mesma categoria flexional.

A categoria da pessoa na flexão verbal é marcada por várias séries de morfemas: uma série de prefixos ergativa⁹, uma série de prefixos absolutiva e uma série de clíticos nominativos. Os morfemas que nos interessam aqui são os prefixos da série absolutiva no singular¹⁰, apresentados no quadro 2. (O condicionamento dos alomorfes pode ser aspectual ou morfológico.)

⁹ Esta série opõe somente a segunda pessoa, marcada pelo prefixo *ĩ-*, a todas as outras. Para não sobrecarregar as glosas, não indicaremos o valor ‘não segunda pessoa ergativa’ correspondente à ausência de marca fonológica quando o sujeito de um verbo transitivo for de primeira ou terceira pessoa.

¹⁰ A única expressão nos prefixos de pessoa da categoria do número se vê na primeira pessoa: assim, o prefixo absolutivo de primeira pessoa é *ĩ-* no singular e *wa-* no plural. Nas outras pessoas, o número é marcado por partículas pospostas ao verbo.

Quadro 2: série absoluta de prefixos pessoais verbais

1ª pessoa	ĩ- ~ ø
2ª pessoa não marcada	a(i)-
2ª pessoa honorífica	aa-
3ª pessoa não marcada	ti- ~ ø
3ª pessoa honorífica	ta- ~ da-
3ª pessoa genérica	da-

Nota-se que a única diferença com os prefixos nominais (apresentados em 3.2.) se vê na marca ‘zero’ de terceira pessoa característica de uma classe morfológica de verbos, representada nos exemplos seguintes. O morfema sem conteúdo fonológico indica a terceira pessoa sujeito do verbo intransitivo *ñono* ‘dormir’ em (16.a) e objeto do verbo transitivo *sa?wa* ‘jogar’ em (16.b).

(16.a) Te ñono.
 HTO [3ªABS]dormir
 ‘Ele está dormindo.’

(16.b) Ñhöiwarobo ma sa?wa.
 papel PFT [3ªABS]jogar
 ‘Ele jogou o papel.’

Observa-se que o uso das marcas nominativas do sujeito – os clíticos heterofórico *te* e egofórico *wa*¹¹, que aparecem respectivamente em (16.a) e (17) – constitui a única diferença, em termos de flexão pessoal, entre os verbos e os lexemas com sentido adjetival.

Em termos de modalidade, pode-se ilustrar a flexão verbal com as partículas de prospectivo *za* e de irrealis *éré*, como mostram respectivamente os exemplos (17.a) e (17.b). Lembramos que são os mesmos morfemas que se combinam com os lexemas de sentido adjetival exercendo a função de predicado.

(17.a) Wa **za** ñono.
 EGO PROSP [1ªSG.ABS]dormir
 ‘Eu vou dormir.’

¹¹ Seguimos aqui a terminologia sugerida por Tournadre (1994) para uma marcação que distingue a primeira pessoa de todas as outras.

- (17.b) Wa éré ñono.
 EGO IRR [1ªSG.ABS]dormir
 ‘Eu dormi.’

A flexão verbal também inclui a categoria da finitude: veremos em 2.3. que na sua forma não finita, o verbo pode ser o núcleo de um constituinte equivalente – do ponto de vista do seu papel sintático – a um sintagma nominal. Indicaremos aqui apenas que esta forma é flexional¹² e que ele é marcada pelo prefixo *ĩ-*. É importante ressaltar também que, mesmo na sua forma nominal, o verbo continua expressando a pessoa, como mostra o Quadro 3. Assim, no exemplo (18), a forma nominal do verbo *höimana* ‘viver’ na primeira pessoa plural é marcada pelos prefixos *ĩ-* e *wa-*.

Quadro 3: prefixos pessoais dos verbos na forma nominal

1ª pessoa singular	ĩ-
1ª pessoa plural	ĩ-wa-
2ª pessoa não marcada	ĩ-a(i)-
2ª pessoa honorífica	ĩ-aa-
3ª pessoa não marcada	ĩ-
3ª pessoa genérica	ĩ-da-

- (18) ʔre ĩ-wa-höimana zaʔra mono
 PVB N-1ªPL.ABS-viver PL ITR
 ‘o fato de estarmos vivendo’

Para terminar esta apresentação das propriedades flexionais dos verbos, indicaremos que a negação do verbo – quando este é o predicado numa oração independente – é sempre acompanhada pela partícula *di*¹³, como mostram os exemplos em (19): a forma negativa do

¹² Sobre a mudança de categorias sintáticas operada por flexão, ver Haspelmath (1996).

¹³ Consideramos aqui o morfema *di* como um índice expletivo, pois a negação não pode ser analisada como uma construção impessoal; é claro, porém, que o índice expletivo e o índice de sujeito impessoal são hoje dois morfemas homônimos que têm uma origem comum.

(22.a) Da-ʔrã **upsõ** ni.
 3^aH-cabeça [3^aABS]lavar IND
 ‘(Ele) lavou a cabeça dele.’

(22.b) Wa-si-uihö na wa-uza wa nasi **hö-upsõ** zaʔra ni
 1^aPL-REFL-testa INSTR 1^aPL-roupa EGO HAB [3^aABS]casca-lavar PL IND
 wa-te mono bö.
 1^aPL-NGR DISTR ?
 ‘Nós mesmos lavamos cada um a sua roupa.’

2.3 Funções sintáticas

Na sua forma finita, o verbo exerce a função sintática de predicado numa oração independente: em (23), é o caso do verbo *te ñono* ‘ele dorme’.

(23) Tawamhã, sô morĩ wamhã, hu te **ñono**.
 então PVB [3^aABS]ir quando onça HTO [3^aABS]dormir
 ‘Então, quando eles foram atrás dele, a onça estava dormindo.’

Na sua forma não finita, marcada pelo prefixo *ĩ-*, o verbo é o núcleo de um constituinte que tem acesso a todas as funções de um sintagma nominal, mas que tem a estrutura interna de uma oração. Em (24), (25) e (26) um tal constituinte ocupa as posições de complemento sujeito, objeto e oblíquo respectivamente. O exemplo (27) mostra que um tal constituinte também pode exercer a função de predicado, da mesma forma que um sintagma nominal numa predicação inclusiva.

(24) [Ĩsépu wa-te **ĩ-a-zéptö**] te oto ʔre nomro.
 doente 1^oPL.ERG-AUX N[3^oABS]COL-curar HTO INC PVB [3^oABS]andar
 ‘Os doentes que nós curamos estão andando agora.’

(25) [Mimi da-te **ĩ-ubumro**] wa wa-te waibu.
 lenha 3^oGNQ.ERG-AUX N[3^oABS]juntar EGO 1^oPL.ERG-AUX [3^oABS]pegar
 ‘Nós pegávamos a lenha que (os homens) juntavam.’

(26) ãmem hã 25 na ma wa-ãma ti-wahu oto
 aqui PE 25 INSTR PFT 1ªPL-PVB 3ªABS-completar.um.ano INC

[ãme ʔre **ĩ-wa-höimana** zaʔra mono] na hã.

aqui PVB N-1ªPL.ABS-viver PL ITR INSTR PE

‘Moramos aqui há 25 anos. (lit. “Anou por 25 vezes pelo nosso viver aqui.”)’

27) ãhã wedeñorõ hã [marã ʔrep si ʔre **ĩ-höimana** zaʔra mono].

DEM cordinha PE mato INESS só PVB N[3ªABS]existir PL ITR

‘Estas cordinhas são (das) que ficam só no mato.’

Em resumo, os lexemas com sentido adjetival compartilham uma série de propriedades morfossintáticas com os lexemas verbais: a marcação de pessoa é idêntica à série de prefixos pessoais verbais; as mesmas partículas modais são usadas na predicação; o mesmo prefixo *ĩ-* indica que o lexema tem uma forma não finita usada como núcleo de um constituinte sintaticamente equivalente a um sintagma nominal; o mesmo marcador *di*, que aparece na negação verbal, é usado para marcar um sujeito impessoal numa das construções usadas para a predicação dos lexemas com sentido adjetival. Além disso, estes últimos podem formar uma palavra composta, incorporando um lexema nominal numa incorporação argumental ou classificatória. Por fim, os lexemas com sentido adjetival têm, assim como os verbos e com as mesmas particularidades morfológicas, acesso às funções de predicado e complemento.

Em comparação, as propriedades morfossintáticas dos lexemas nominais são outras, como veremos nos parágrafos seguintes.

3 Lexemas nominais

Antes de serem apresentadas a flexão e a composição dos nomes em 3.1. e 3.2. respectivamente, serão feitas em 3.1. algumas observações sobre as classes morfológicas nominais. Em seguida serão abordados os papéis sintáticos desempenhados pelos nomes.

3.1 Classes morfológicas

Existem duas classes morfológicas de lexemas nominais, ilustrada nos exemplos a seguir: a primeira – invariável – é constituída por nomes monovalentes (ou ‘alienáveis’); a

segunda – flexionável – por nomes divalentes (ou ‘inalienáveis’)¹⁴. Os nomes monovalentes só possuem um argumento, que aparece sob a forma de um sintagma nominal sujeito numa predicação inclusiva. Para introduzir um novo participante como dependente sintático do nome monovalente, é necessário associá-los por um nome genérico relacional. Assim, o participante com papel de ‘possuidor’ do nome monovalente *wapsã* ‘cachorro’ expresso pelo nome *aibö* ‘homem’ em (28) é introduzido como complemento do nome genérico relacional *te* ‘coisa de’. Já os nomes divalentes têm um argumento interno – além daquele (externo) que aparece como sujeito numa predicação – cuja expressão é obrigatória. Em (29) observa-se que a expressão do argumento interno de um nome divalente pode ser sintática – o sintagma nominal *wapsã* ‘cachorro’ em (a) – ou morfológica – o prefixo *ĩ-* em (b).

(28) *aibö te wapsã*
 homem NGR cachorro
 ‘cachorro do homem’

(29.a) **wapsã** *ʔrã*
 cachorro cabeça
 ‘cabeça do cachorro’

(29.b) **ĩ-***ʔrã*
 3ª-cabeça
 ‘cabeça dele’

Os nomes divalentes podem ser derivados de nomes monovalentes ou de verbos. No primeiro caso, ilustrado em (30), a derivação é marcada pelo prefixo *ñiP-*: o nome divalente *ñipiʔõ* ‘mulher de’ – cujo argumento interno é expresso pelo sintagma nominal *warazu* ‘homem branco’ em (a) e pelo prefixo de primeira pessoa plural *wa-* em (b) – é derivado do nome monovalente *piʔõ* ‘mulher’.

(30.a) *warazu ñi-piʔõ*
 homem.branco APL.N-mulher
 ‘mulher do homem branco’

¹⁴ Adotamos aqui a análise de Queixalós (2005) dos nomes em Katukina, que nos parece válida também para os nomes em Xavante.

(30.b) wa-**ñi**-piʔõ

1ªPL-APL.N-mulher

‘nossas mulheres’

Em (31) está ilustrada a derivação de um nome divalente a partir de um lexema verbal pelo prefixo *ñimi-* ~ *simi-*. O argumento interno do nome divalente *ñimihuri* ~ *simihuri* ‘trabalho de’ – derivado do lexema verbal *romhuri* ‘trabalhar’ – aparece sob a forma do sintagma nominal *piʔõ* ‘mulher’ em (a) e sob o prefixo de terceira pessoa *ĩ-* em (b).

(31.a) piʔõ **ñimi**-romhuri

mulher NMZ-trabalhar

‘trabalho de mulher’

(31.b) **ĩ-simi**-romhuri

3ª-NMZ-trabalhar

‘seu trabalho’

A construção de nomes divalentes por derivação prefixal foi mencionada aqui para apoiar uma hipótese diacrônica, proposta em 4. Antes disso, o parágrafo seguinte – que apresenta a flexão dos nomes divalentes – mostra que esta é diferente da flexão dos lexemas com sentido adjetival.

3.2 Flexão

A flexão dos nomes divalentes, parcialmente¹⁵ representada no Quadro 4, mostra que a série dos prefixos de pessoa nominais (ou ‘prefixos possessivos’) se distingue da série dos prefixos de pessoa verbais principalmente pela marcação da terceira pessoa, sendo *ĩ-* no caso dos nomes e *ti-* ou ‘zero’ no caso dos verbos.

¹⁵ A observação feita na nota 9 sobre a flexão verbal também é aplicável aqui no caso dos nomes: a categoria do número – que não é pertinente neste contexto – é expressa por partículas pós-verbais, com exceção da primeira pessoa plural, marcada pelo prefixo *wa-*.

Quadro 4: flexão dos nomes divalentes

1ª pessoa	ĩĩ-
2ª pessoa não marcada	a(i)-
2ª pessoa honorífica	aa-
3ª pessoa não marcada	ĩ-
3ª pessoa honorífica	ta-
3ª pessoa co-referente	ti-
3ª pessoa genérica	da-

Assim, o radical verbal *-mreme* aparece na terceira pessoa em (32.a) sem marca fonológica, enquanto o radical nominal da mesma forma em (32.b) é prefixado pelo morfema de terceira pessoa *ĩ-*.

(32.a) *Ãne te mreme.*

assi HT [3ªABS]fala
m O r

Ele falou assim.

(32.b) *Ãhãta ĩ-mreme wawã hã aimawi.*

DEM 3ª-fala som P ser.diferent
E e

Lá o som da fala (do povo) é diferente.

3.3 Composição

Ao contrário dos verbos, os nomes não incorporam um argumento; eles podem apenas se combinar com um lexema de sentido adjetival, sendo o núcleo numa composição atributiva. Nos seguintes exemplos, as qualidades ‘ser falso’ e ‘ser antigo’ são atribuídas aos nomes *aʔé* ‘colar’ e *ñitobruí* ‘inimigo’ pelos lexemas *prã* e *ʔrada* respectivamente dentro de uma palavra composta.

(33.a) aʔé-prã

colar-ser.falso

‘colar falso’

(33.b) ñ-ñitobruí-ʔrada

1^aSG-inimigo-ser.antigo

‘meu antigo inimigo’

3.4 Funções sintáticas

Os lexemas nominais têm acesso à função de predicado sem que seja necessário o uso de uma cópula, mesmo que a propriedade atribuída pelo sintagma nominal predicado seja determinada como posterior ou anterior a um ponto de referência. Para ser marcada como posterior, o sintagma nominal é seguido por um morfema gramatical¹⁶, o projetivo *da*, ilustrado em (34.b); a anterioridade, por sua vez, é expressa pela composição do nome com o lexema de sentido adjetival *ʔrada* ‘ser antigo’, como mostra o exemplo (34.c).

(34.a) ãhã aibö utö-ʔrui-ʔwa.
DEM homem anta-opôr.se-NAGT
‘Esse homem é caçador de anta.’

(34.b) ãhã aibö utö-ʔrui-ʔwa **da** hã.
DEM homem anta-opôr.se-NAGT PRO PE

‘Esse homem vai ser caçador de anta. (lit. ‘Esse homem é um futuro caçador de anta.’)’

(34.c) ãhã aibö utö-ʔrui-ʔwa-ʔrada.
DEM homem anta-opôr.se-NAGT-ser.antigo
‘Esse homem foi caçador de anta.’

Nota-se que a expressão da posterioridade e anterioridade é diferente com um predicado verbal: lembramos que a interpretação temporal de uma predicação verbal obtém-se com partículas modais.

¹⁶ Que também serve para marcar o sintagma nominal em função de complemento.

Outra função sintática acessível aos nomes é a função de complemento – seja este a expressão de um argumento previsto pela valência do lexema verbal ou um adjunto. No exemplo a seguir, os sintagmas nominais assinalados em negrito funcionam como complemento sujeito, objeto e oblíquo.

- (35) **Aʔuwẽ norĩ** hã te **tebe** te ʔre hõzu **ariwede** na.
 Xavante COL PE HTO peixe [3^aERG]AUX PVB [3^aABS]fisgar flecha.sp INSTR
 ‘Os Xavantes fisgam os peixes usando a flecha *ariwede*.’

Vale ressaltar que, sendo o núcleo de um sintagma em função de complemento, os nomes não são marcados por um morfema específico para esta função, ao contrário dos verbos, que necessitam o prefixo da forma nominal *ĩ-*.

Fica claro, portanto, que os lexemas com sentido adjetival não são nominais e constituem uma subclasse dentro da categoria dos lexemas verbais. Para concluir, algumas observações são apresentadas nos seguintes parágrafos para sugerir uma hipótese diacrônica.

4 Hipótese diacrônica

Como veremos com os dados a seguir, os lexemas com sentido adjetival – apesar de serem verbais numa análise sincrônica – podem ter uma origem nominal.

Uma primeira observação diz respeito à partícula *di*: o exemplo em (36.a), encontrado em McLeod e Mitchell (2003, p. 74), mostra este morfema combinado ao sintagma nominal *aibö* ‘homem’ como sendo uma cópula existencial. Talvez ainda seja o caso em certos dialetos, mas na região onde nossos dados foram recolhidos, uma predicação existencial se dá como em (36.b), com outro morfema gramatical. Ou seja, os lexemas com sentido adjetival – atualmente verbos – podem ter sido nomes usados numa predicação existencial com a cópula *di*. Estes nomes poderiam ter sido reanalisados em verbos conseqüentemente à perda do sentido existencial do morfema *di*.

- (36.a) Aibö **di**.
 homem EXIST
 ‘Há homens.’

- (36.b) Aibö **iré** hã
 homem EXIST PE
 ‘Há homens.’

Além disto, prefixos derivacionais nominais encontram-se ‘fossilizados’ dentro do radical de certos lexemas com sentido adjetival: rastros do aplicativo nominal *ñiP-*, morfema aumentador de valência dos nomes monovalentes, e do prefixo de derivação deverbal *ñimi-* ~ *simi-*, ambos construindo nomes divalentes, estão ilustrados respectivamente em (37.a) e (37.b).

(37.a) Wahã ñi-**ñiptede**.
 PR.1^a N+1^aSG.ABS-ser.forte
 ‘Eu sou forte.’

(37.b) Aiʔuté hã **simizaʔrese** di.
 criança PE [3^aABS]ser.esperto IMP
 ‘A criança é esperta.’

Considerações finais

Portanto, podemos concluir sobre a natureza dos lexemas que expressam qualidades em Xavante que, uma vez analisadas as propriedades morfossintáticas das principais classes lexicais da língua, percebe-se que as noções tipicamente expressas por adjetivos nas línguas onde esta categoria existe estão lexicalizadas numa subclasse verbal¹⁷, e que esta tem possivelmente uma origem nominal. Na ausência de adjetivos, a atribuição de uma qualidade a um nome se faz por composição ou por relativização, sendo que a primeira operação sofre restrições semânticas enquanto a segunda é sempre produtiva.

Abreviações

ABS	Absolutivo	INESS	Inessivo
APL.N	Aplicativo nominal	INSTR	Instrumental
AUX	Auxiliar	IRR	Irrealis
COL	Coletivo	N	Forma nominal
CONJ	Conjunção	NEG	Negação
DAT	Dativo	NGR	Nome genérico relacional
DEM	Demonstrativo	NMZ	Nominalizador

¹⁷ Chegamos à mesma conclusão que Cunha de Oliveira (2003) sobre esta questão em Apinajé, língua também do tronco macro-jê.

DIM	Diminutivo	NOM	Nominativo
DISTR	Distributivo	PE	Partícula de ênfase
EGO	Egofórico	PFT	Perfeito
ERG	Ergativo	PI	Partícula interrogativa
EXIST	Existencial	PL	Plural
EXPL	Expletivo	PR	Pronome
FOC	Foco	PRO	Projetivo
GNQ	Genérico	PROG	Progressivo
H	Honorífico	PROSP	Prospectivo
HTO	Heterofórico	PVB	Prevérbio
IMP	Sujeito Impessoal	SG	Singular
INC	Incoativo		

REFERÊNCIAS

- CUNHA DE OLIVEIRA, C. Lexical Categories and the Status of Descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, v.69, n.3, 2003. p.243-274.
- DIXON, R. *Where have all the adjectives gone?* Berlin: Mouton Publishers, 1982.
- HASPELMATH, M. Word-class-changing inflection and morphological theory. In: BOOIJ, G.; VAN MARLE, J. (Ed.). *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p.43-66.
- LACHNITT, G. *Damreme'uwaimramidzé: estudos sistemáticos e comparativos de gramática xavante*. 2. ed. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso Universidade Católica Dom Bosco, 1999.
- MCLEOD, R.; MITCHELL, V. *Aspectos da língua xavante*. Cuiabá: SIL, 2003. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publicns/dictgram/xvgram.pdf>>.
- MEL'ČUK, I. *Cours de morphologie générale. Cinquième partie: signes morphologiques*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal; CNRS Éditions, 1997.
- OLIVEIRA, R. *Morfologia e sintaxe da língua xavante*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2007.

QUEIXALÓS, F. Posse em katukína e valência dos nomes. In: RODRIGUES, A.; CABRAL, A. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p.177-202.

RIBEIRO, E. Subordinate Clauses in Karajá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v.1, n.1, p.17-47, 2006.

SALANOVA, A. Relative clauses in Mëbengokre. In: GIJN, R., HAUDE, K.; MUYSKEN, P. (Eds.). *Subordination in Native South American Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p.45-78.

TOURNADRE, N. Personne et médiatifs en tibétain. *Faits de langues*, v.2, n.3, 1994. p.149-158.

VAN TIEN NGUYEN, É. *Unité lexicale et morphologie en chinois mandarin : vers l'élaboration d'un dictionnaire explicatif et combinatoire du chinois*. Tese (Doutorado) Faculté des études supérieures. Université de Montréal, Montréal, 2006.ok